



UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - PPGPE
MESTRADO EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

MEMORIAL FORMATIVO DE ALINE LUCAS BARROSO VIANA

extraído em agosto de 2024 do relatório de pesquisa intitulado GESTÃO DA SALA DE AULA NA TRANSPANDEMIA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MINAS GERAIS.

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

| | |
|-------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| V654g | <p>Viana, Aline Lucas Barroso.</p> <p>Gestão da sala de aula na transpandemia: uma análise da proposta pedagógica dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola municipal de Minas Gerais / Aline Lucas Barroso Viana. – Uberlândia (MG), 2024.</p> <p>183 f. : il., color.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Práticas Docentes na Educação Básica.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Tiago Zanquêta de Souza.</p> <p>1. Manejo de classe. 2. Covid-19, Pandemia de, 2020-. 3. Educação popular. 4. Educação – Políticas públicas. I. Souza, Tiago Zanquêta de. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 371.1024</p> |
|-------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!”
Galeano, 2000, s/p.

Diego não conhecia o mar. A expressão não conhecer pode revelar um mar de possibilidades. A leitura atenta de toda a narrativa que segue, indica que Diego ainda não tinha experimentado a sensação de estar no mar. É possível que ele já viu imagens, vídeos, ouviu dizer sobre; mas ainda não tinha experimentado o mar, e diante da experiência, ainda assim precisou de ajuda, confiando ao seu pai, a missão de lhe ensinar a olhar. A analogia com a educação, principalmente nesta pesquisa, é linda. A educação é infinita como o mar. É marcada por movimentos, belezas, alegrias, tristezas, solidão, desbravamentos, curiosidades, tempestades, conhecimentos, e mais uma imensidão de possibilidades. A beleza do mar e a beleza da educação, por vezes pode causar até espanto, mas o movimento diante da experiência, principalmente do porvir, inquieta a conhecer mais. Assim como Diego, que um dia desejou conhecer o mar, esta pesquisadora inquietou-se e desejou conhecer mais sobre educação, e elegeu a temática gestão da sala de aula, no recorte temporal de transpandemia. Assim como Diego, foi necessário pedir ajuda para enxergar a educação para além do que já experimentou, viu e ouviu falar; e assim precisou entender a fundamentação do que realmente seja educação.

(...)

COMO UMA ONDA NO MAR... MEMÓRIAS

Eu sou Aline Lucas Barroso Viana e vou contar um pouco da minha história e da minha história com a educação...

A infância...

Eu nasci em 05 de novembro do ano de 1976. Dia e mês escolhidos para homenagear a ciência e a cultura. Nasci, cresci, vivi e vivo até os dias de hoje em minha cidade, Caratinga, MG.

Sou a filha mais velha do até então casal, Maria Alcides Lucas Barroso e Hélio José Barroso. Passei toda a minha infância, adolescência e juventude no bairro onde resido até os dias atuais. Ausentei-me deste território por 4 anos, quando me casei. Mas como sou de permanências, aqui estou.

A infância foi um período muito lindo no sentido das explorações. A nossa casa, construída com muito trabalho de meus pais, guardava um espaço de terra, onde eram divididas as possibilidades. Tínhamos espaço para algumas (poucas) frutas (uva, morango e goiaba), para um parquinho feito de ferragens por meu avô Roque (onde podíamos brincar de balanço na canoa e escorregar), uma pequena horta e um lugar livre, onde eu e minhas duas irmãs brincávamos de casinha, com nossas bonecas que podiam sujar, onde fazíamos sofás, fogões, camas e panelas, dentre outros, de barro.

Fora deste espaço, o outro mais recorrente era o da casa de minha avó materna, Dona Penha. Lá havia um barranco perfeito para escorregar e breicar antes de cair no córrego.

Neste mundo infantil, não se percebia tão fortemente as angústias vivenciadas pelo mundo adulto, mas sentia que estavam lá.

A minha história com a educação começa por meio do contato direto com minha mãe, Maria Alcides Lucas Barroso, que era professora dos anos iniciais do ensino fundamental e trabalhava, mais especificamente, com turmas de alfabetização, posteriormente assumindo um cargo também de professora de História, dos anos finais do ensino fundamental. Ela foi a principal educadora de minha vida, pois além da preocupação com a educação em casa, não mediu esforços para que a educação escolar formal ganhasse significado para mim. Isto encontra fertilidade nas ideias de Freire e Shor, quando afirmam que

[...] não importa se a educação se exerce de maneira informal, em casa, ou formalmente, na escola, através de relações informais entre pais e filhos, ou formais, na escola, entre professores e alunos – a educação tem a ver com um processo de formação permanente (Freire e Shor, 2022, p. 201).

Freire coloca a educação como vivência e muito do que se observa de meu processo de formação, recebeu e ainda recebe muitas contribuições de minha mãe. Assim, a experiência com a educação formal e informal ocorreu de maneira diversificada. Por vezes minha mãe parava suavemente para explicar determinados assuntos, determinados funcionamentos da escrita e da leitura. E outros momentos eram marcados pela “loucura”, pois, diante da separação de meu pai, cuidava de três filhas, e ainda trabalhava numa escola muito distante do nosso bairro. Era a educação que a mobilizava em direção à sua identidade e autonomia, e era a educação que também nos alimentava. Entre o formal e o informal, minha formação começava a ganhar identidade.

A vida escolar...

Na Escola Estadual “Isabel Vieira”, no município de Caratinga-Minas Gerais (MG), no pré-escolar (1982), o contato aconteceu de maneira muito “mágica”, com uma professora linda, de todas as formas, chamada Silvana Antonieto. A inesquecível professora, moradora do bairro, era cheia de energia e carinho com todos nós. Nesta escola, eu estudei até a 8ª série, saindo desta para outra, por não oferecer o 2º grau, na época, científico ou um curso técnico em contabilidade, ou magistério.

Minha alfabetização aconteceu de maneira muito tranquila. Eu possuía um bom entendimento sobre o funcionamento das letras e a construção das palavras. Aprendi a ler, tendo como material de apoio, a “Cartilha Caminho Suave”⁴, e as complementações realizadas pela professora “Dona Neuza”. Minha caligrafia nunca foi muito boa e lembro-me que fiquei de recuperação na 2ª série por causa da letra ilegível. Ela tinha o cuidado de ouvir nossa leitura, diariamente. A recuperação era destinada a sistematizar conhecimentos e ou habilidades não consolidadas. Na época, cumpria-se 180 dias letivos e os alunos aprovados eram dispensados das atividades escolares; e quem apresentava alguma fragilidade na leitura ou nas operações,

⁴ Cartilha Caminho Suave - Criada por Branca Alves de Lima em 1948, a Cartilha Caminho Suave estabeleceu a articulação e a associação entre imagens e letras de maneira que a letra estava registrada, no formato de imprensa, em uma imagem cujo nome iniciava com a letra registrada.

frequentava a escola, por mais duas semanas, para reforçar a aprendizagem. No meu caso, para melhorar a caligrafia.

O meu relacionamento com os colegas sempre foi muito bom e o Bairro das Graças era localizado fora do centro. Então, nós tínhamos muitas oportunidades de encontro fora do espaço escolar. Conforme eu ia crescendo, as oportunidades de saberes iam se ampliando.

Acredito que neste período, tenha sido o tempo em que melhor se articularam os elementos estruturadores do planejamento pedagógico de meu percurso escolar. Os conceitos pareciam fazer mais sentido.

Quando estava na 3ª série, a experiência foi tão mágica com a professora “Rita”, que eu acabei convidando-a para ser minha madrinha de 1ª eucaristia, a ocorrer no ano seguinte. Tudo deu certinho, porém nunca mais tive contato com ela. Acho que ela foi mais importante em minha vida, do que eu na vida dela.

Naquela época, na escola, eram duas turmas de 4ª série. Então, as professoras se dividiam: uma lecionava Língua Portuguesa, História e Geografia; e a outra Matemática, Ciências, Arte, e Ensino Religioso. Não me lembro se havia Educação Física. O importante é que a professora que lecionava Língua Portuguesa, Rosana Antônia Batista, era uma pessoa muito “viva”, muito “atenada” e muito “ligada” nos acontecimentos. E, parecia que conhecia a gente, só de olhar a letra. Certa vez, tentamos mudar a letra para ver se ela descobriria, “rsrs”. E não deu outra... Parecia até mágica.

Esta mesma professora me acompanhou da 5ª à 8ª séries, com a disciplina de Língua Portuguesa. Eu sou muito grata a ela porque acredito que escrevo razoavelmente bem e, tenho certeza de que ela contribuiu, significativamente, para o meu entendimento sobre o funcionamento da linguagem. E mais ainda, contribuiu muito na minha formação, chegando posteriormente, a ser minha madrinha de casamento.

Penso que a afetividade desperta confiança do aluno, em seus professores e, conseqüentemente, fortalecem-se os vínculos, ampliando a predisposição em realizar as propostas planejadas. Sempre encontrei nesta professora o espaço para a troca de ideias. Lembro-me da dinâmica em que usava com frequência, chamada “quem conta um conto aumenta um ponto”. Ela recortava, semanalmente, notícias de jornais e distribuía na classe. Na próxima aula, em roda, tínhamos que contar sobre aquela notícia, e realmente, sempre se aumentava um ponto. Isto era descoberto, porque imediatamente após contarmos, tínhamos que ler a notícia e o ponto aumentado era descoberto. Estes momentos foram de muito aprendizagem, pois além da escuta atenta (um comportamento necessário para determinadas aprendizagens), ainda exercíamos a linguagem, entendendo o funcionamento do gênero, e

ainda, sabíamos sobre uma série de assuntos. Tudo isto através da leitura e do diálogo. Era muito divertido e ela, a professora, ria conosco sobre nossos “aumentos”.

Hoje, consigo analisar esta prática de maneira mais articulada e menos fragmentada. Tenho mais clareza que “Dona Rosana” planejava sua aula, quando recortava com antecedência as notícias. Ela fazia a seleção do que desejava. Organizava o espaço da sala de aula em outro formato e permitia que estivéssemos ao lado de nossos colegas, e não à frente ou atrás. Ela estava conosco sem mostrar-se superiora, a qualquer um de nós. Esta prática me faz pensar sobre as ideias de Paulo Freire, quando este discorre sobre a aula dialógica. Em seu livro *Pedagogia da Esperança*, Freire (2022a) problematiza a importância do diálogo nas aulas e afirma que

O diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas, Os Professores não são iguais aos alunos por n razões, entre elas porque a diferença entre eles, os faz ser como estão sendo. Se fossem iguais, um se converteria no outro. O diálogo tem significado precisamente não apenas com sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com outro. Diálogo por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou permite que se construa. Assim também a licenciosidade, de forma diferente, mas igualmente prejudicial (Freire, 2022a, p. 162).

Penso que a “Dona Rosana” conhecia um pouco sobre estar juntos para aprender juntos.

Os anos finais do ensino fundamental foram marcados por muita instabilidade emocional, muitas descobertas, muitas amizades e muitas dificuldades também. Isto porque eu esforçava-me para dar conta das atividades, mas não me considerava uma pessoa muito inteligente. Então me esforçava muito para poder conseguir acompanhar a turma e realizar as atividades propostas, e tirar ótimas notas.

Lembro-me que na 7ª série tirei uma nota zero, em uma prova valendo 10 pontos na disciplina de Matemática. Este fato assustou a família inteira e a experiência foi negativa em vários sentidos... Faz-me pensar na importância que tem a compreensão do que seja aprender. Eu recuperei a nota, mas continuei sem entender o conceito. E, mesmo não entendendo alguns conceitos de outras disciplinas, fui equilibrando-me com as notas. Percebo que esta prática esteve e em algumas situações ainda está, muito relacionada com um modelo de Pedagogia. Conscientemente, ou inconscientemente, o que se faz com os resultados de uma avaliação, identifica muito bem sobre que educação se está promovendo. Não houve aprendizagem, tem-se a nota e vida que segue... *E, vamos prestar mais atenção às aulas.*

Quando me recordo deste fato, penso na aprendizagem e na avaliação. Acho que em algumas propostas, o que houve foi uma tentativa de repasse de informações e não exploração com vias ao conhecimento. Luckesi (2002), ao refletir sobre aprendizagem e avaliação da aprendizagem, afirma que:

A prática da avaliação nas pedagogias preocupadas com a transformação deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando, pois o novo modelo social exige participação democrática de todos. Isso significa igualdade, fato que não se dará se não se conquistar a autonomia e a reciprocidade de relações. Nesse contexto a avaliação educacional deverá manifestar-se como mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora (Luckesi, 2002, p. 32).

Terminado o ensino fundamental, a próxima etapa foi o ensino médio na Escola Estadual “José Augusto Ferreira”, em outro bairro. Eu precisava de transporte, que na época não era escolar. Foi muito difícil, porque o ônibus saía às 6h. O mercado não estava aberto e era complicado, pois muitas vezes eu saí de casa sem tomar café. Isto porque não gostava de comer nada tão cedo, mas era complicado esperar a hora do recreio.

Minha experiência nesta escola demorou um pouco para tornar-se positiva. O bairro onde eu morava e ainda moro é afastado do centro; e as pessoas tinham muito preconceito. Os adolescentes residentes em bairros centrais de Caratinga tinham preconceito em relação ao nosso bairro. Ao se referirem a nós, falavam que éramos “da roça”. O preconceito esteve e ainda está enraizado na sociedade e a escola é o espaço em que eles se encontram. Felizmente, embora tenha provocado em mim aborrecimentos, tal fato não me estancou, não me aniquilou e nem me impediu de seguir em frente. Acredito que isto se deu, muito em função de minha mãe, que, mesmo sem meu pedido (como no caso do Diego), me ensinou a enxergar e vencer, diante do inconveniente, negativo, desrespeitoso, deseducado e aniquilador. E esta aprendizagem não é apenas sobre escola, pois tive que ser resiliente em função de minhas características físicas (cabelo, corpo, óculos), familiar (pais separados) e regional. É possível que esta, ainda seja uma realidade em muitas comunidades e nem sempre haja famílias que enxergam os malefícios destas relações e desconstruções, enfatizando ainda mais a necessidade de compreensão da escola e de sua articulação no trato destas tensões.

Hoje a frase “é da roça”, é menos comum neste território. Talvez em função da própria trajetória do bairro, que atualmente abriga um centro universitário e um hospital, entre outros, gerando sobretudo, força econômica na comunidade. No entanto, não se pode precisar em outros territórios em que o preconceito regional ainda pode ser uma verdade.

De repente eu estava nesta escola, que era muito grande. E nela tinham umas seis turmas do 1º ano; e eu fui parar logo na turma **E**. Eu demorei um pouco para entender o que estava acontecendo, e que eu estava participando de uma classificação. Nesta classificação, quem estudava na escola permanecia na turma, quem chegava de outra, era distribuído. Em minha classificação, fui “parar” em uma turma de alunos repetentes. Uma turma complicada! Então depois de umas duas semanas, entendendo este funcionamento, minha mãe esteve na escola, conversou com a direção, mostrou o boletim e fez uma análise. Esta ação me levou para turma **A**.

Este modelo de agrupamento, possivelmente presente nas instituições públicas de ensino, não considera os fundamentos da educação democrática e popular, pois classificam o desempenho de seus alunos, elegendo por nota, a qualidade das turmas, separando (excluindo) a diversidade, que provavelmente é a que mais precisa da educação para se constituir.

Sempre analiso se foi bom ou se não. Eu passei muito “aperto”, porque existia uma competição muito grande entre os alunos; e eu estava confortável no meu mundo de dar conta de fazer as coisas que eram necessárias e tirar boas notas. De repente, eu me vi obrigatoriamente tendo que avançar nesse conhecimento, nesta procura, nesta pesquisa. Já avalei por diversas vezes este fato. Eu tinha boas notas, não “aprendi” tudo o que foi ensinado e buscava uma turma que julgava ser a melhor para mim, porque em termos de notas, lá estariam os iguais a mim.

Isto reflete o funcionamento da estratificação social dentro da escola. Acredito que se minha mãe não tivesse uma formação, eu estaria compondo o grupo da “turma problema”, e as relações possivelmente construídas lá, marcariam minhas escolhas e minha trajetória, fortalecendo ou não a divisão de classes.

Neste ano (1992) foi o primeiro momento em que eu estive, com frequência, em contato com a organização de grupos de estudo. Então, todas as 2^{as} e 4^{as} feiras, nós nos reuníamos na biblioteca municipal para estudar Física, Química e Matemática (principalmente). Foi o que salvou-me, porque, também, eu não tinha base para dar conta daquelas disciplinas. Na época eu não entendia muito bem, mas hoje isso já fica mais evidente. E avaliando esta trajetória, vejo que a mudança de turma foi uma salvação para mim, neste sentido, pois se eu não tivesse mudado, talvez eu teria estudado o mínimo naquela turma onde os alunos já estavam fadados ao mínimo, fortalecidos pelo repasse de informações. Isto não impede a análise de que, embora eu tenha pertencido a um grupo de estudos (Que Maravilha!), era para atender a conteúdos bancários. Esta realidade me preocupa, porque embora com cenários, tempos e sujeitos diferentes, vejo que a educação ainda não alcançou boa parte da população que mais precisa

dela. Acredito que a pandemia distanciou ainda mais os níveis de desenvolvimento dos alunos de uma mesma turma.

E para desafiar ainda mais as reflexões, meu cotidiano mostra cada vez menos, as experiências de grupos de estudos. Vejo que as famílias que se destacam economicamente, pagam complementações de estudos para os filhos; e as que não podem, sobrevivem com o mínimo que a escola tenta oferecer. Na Escola Estadual “José Augusto Ferreira”, o vínculo com os colegas foi muito mais forte. Embora distantes do que os de meu próprio bairro, com pessoas que passaram basicamente a infância comigo, os quais alguns me acompanharam do pré-escolar à 8ª série, foi neste grupo que consegui estabelecer vínculos mais fortes e verdadeiros. Tenho amigos primorosos, conquistados nesta etapa de minha vida

Encerrado o 1º ano do ensino médio, iniciei uma jornada dupla. Segui no 2º ano (1993), no científico, durante as manhãs (na escola onde já estudava) e no magistério durante as noites, na Escola Estadual “Princesa Isabel”.

Quanto ao magistério, não guardo referências muito marcantes. Era tudo muito informativo e eu já sabia que, concluindo o curso de magistério, eu não teria condições de aplicar muitas propostas em sala de aula, uma vez que havia um grande distanciamento entre o que eu estava aprendendo e como se construía a dinâmica escolar.

O estágio ajudou muito nesta percepção, principalmente na observação das aulas. O que se apresentava a mim, no estágio, eram propostas de ensino, ainda que fragilizadas. E o que estava em contato comigo no magistério eram as construções de fundamentos da educação, didática, psicologia e metodologia, porém de maneira superficial. A teoria e a prática realmente não se relacionavam. A percepção que tenho é que os elementos estruturadores da gestão da sala de aula (currículo, planejamento, metodologia e avaliação) estavam presentes, porém não abarcavam a aprendizagem de todos os alunos.

Ainda há muito o que se questionar sobre o processo de formação dos professores. Naquela época, eu sabia que muitas ideias e práticas estavam destoadas, mas não imaginava o que estaria por traz de tudo aquilo. Hoje percebo que a política pública de formação de professores ainda está vinculada com fundamentos neoliberais, que impedem a percepção do que pode a educação promover na vida das pessoas, e que formação que reproduz ideais de uma pedagogia bancária, impediu e impede a evolução social.

Isto porque a maior parte da população ingressa na educação pública, que pouco valoriza as iniciativas emancipatórias. A professora faz parte de um sistema que a organiza. No entanto é ela quem promove a experiência. Então, quando determinada teoria do conhecimento se

coloca como prática política e estética, em favor de uma atitude autônoma dos educandos, pode-se pensar que a educação começa a ter sentido e significado.

Creio, por isso, que quanto mais o educador percebe com clareza essas características do ensino, mais pode melhorar a eficiência da pedagogia. A clareza a respeito da natureza necessariamente política e artística da educação fará do professor um político melhor e um artista melhor. Ao ajudar na formação dos alunos, fazemos arte e política, quer o saibamos, quer não. Saber que, de fato, o estamos fazendo irá ajudar-nos a fazê-la melhor (Freire e Shor, 2022, p. 203).

No magistério, não consegui muito este entendimento do sentido e do significado da educação. Tive que aprender, aprendendo! E a escola foi realmente a professora. Escola é vida, é movimento, é atitude, desafio...

Por outro lado, por estar fazendo o científico, também não sabia que destino seguir. O final do 3º ano (1994) foi marcado por muitos vestibulares. Nos exames que realizei fora de Caratinga, em alguns, obtive sucesso e outros cheguei a ficar como excedente.

Descobri rapidamente que, estudar fora de Caratinga, não seria uma realidade para mim, muito em função de questões financeiras. Fiz também o vestibular no Centro Universitário de Caratinga e passei muito bem classificada para o curso de Pedagogia.

Iniciei em 1995, junto a 79 colegas o curso de Pedagogia, dos quais 77 eram mulheres. No percurso de 4 anos, iniciei também, ainda que despreparada e insegura, minha profissão de professora. Comecei em escolas situadas na zona rural. Trabalhei na regência com diversas áreas do conhecimento. A primeira delas foi Geometria, depois Matemática, na sequência História e Filosofia, e por último, Ciências. Eu tive que estudar para ir para a sala de aula, pois na pedagogia, estas áreas não eram abordadas, em função da própria licenciatura delas e o que lhes era específico.

Eu chamo especial atenção para esta experiência, muito em função do que ela representou e ainda representa para mim e para a comunidade educativa em tempos atuais. Não consigo determinar se já não havia quantitativo de profissionais licenciados para tal demanda, ou se não era financeiramente viável trabalhar com poucas aulas em comunidades do campo ou em zona rural. O fato é que esta realidade, muito em função das reformas educacionais (como é o caso do Novo Ensino Médio) e da desvalorização do magistério, tem se reproduzido com maior velocidade.

Esta realidade precisa ser considerada em termos de política pública, porque, por mais que se esforcem, os profissionais para a organização das práticas pedagógicas nas salas de aula, é suscetível que as experiências naufraguem em função da própria formação do educador, que

acaba se tornando um agente da educação bancária, por não possuir o aporte necessário à fundamentação de sua prática.

A experiência profissional...

Em 1997 eu consegui um contrato de trabalho, como professora regente, para o ano todo, em uma escola estadual da zona rural, no município de Ubaporanga - MG. Era concursada, mas não nomeada. Foi um ano muito difícil, pois tinha que ficar lá a semana toda. A escola não tinha energia elétrica e as noites eram intermináveis. Em relação à logística, foi muito desafiador. Eu tinha que acordar às 4 horas, deslocar-me para outro município, esperar a caronado caminhão de leite ou de apanhadores de café, que iam até um povoado antes da escola. Depois eram 5 quilômetros *descidos* até chegar a escola. Este percurso na 6ª feira era desolador, pois se descia na 2ª feira, teria que *subir* os 5 quilômetros, com o sol de meio-dia, acompanhando cada passada. E chegando no povoado de São Sebastião do Batatal, distrito de Ubaporanga, o problema da carona estava posto, pois a lida dos apanhadores de café acabava somente mais tarde. Venci!!!

Por outro lado, em termos de sala de aula, foi maravilhoso. Eu era regente da turma da 3ª série e em relação aos conceitos e práticas, eu conhecia bastante. Esta foi a primeira experiência com sistematização do trabalho pedagógico. A turma ficou sob minha responsabilidade durante todo o ano, e os vínculos estabelecidos foram maravilhosos. Alunos de comunidades pequenas, costumam nos ver como pessoas da família. Os vínculos de trabalho também foram fortíssimos. Havia muita cumplicidade entre a equipe, especialmente porque das 7 professoras, 4 ficavam no alojamento, que foi construído pela própria comunidade, para acolher as professoras. Segundo informações da época, dadas as dificuldades de estrutura e deslocamentos, por vezes a Escola Estadual “No Povoado de Santa Terezinha” teve problemas de funcionamento em função da não composição do quadro de funcionários.

Casei-me no final de 1997, e caminhei rumo ao último ano da Faculdade. Em 1998 as coisas começaram a ficar mais claras para mim. Eu fui aprovada no concurso do município de Piedade de Caratinga - MG, sendo nomeada, rapidamente. Como Piedade de Caratinga fica a 7 quilômetros de Caratinga, cidade onde nasci, cresci, vivi e vivo até hoje, esta distância facilitou muito esta etapa de minha iniciação profissional na rede.

Neste mesmo ano, prestei concurso para a rede Municipal de Caratinga. Também fui aprovada, mas não nomeada imediatamente. A nomeação ocorreu apenas no ano seguinte.

E permaneci, assim, nas duas redes, por 7 anos. Em Piedade de Caratinga, cheguei a administrar uma escola do campo, por dois anos e só deixei a escola, porque também deixei a rede no início de 2004.

Em 2003 terminei minha primeira pós-graduação em Psicopedagogia, pela Faculdade de Direito e Ciências Sociais do Leste de Minas. Foi neste curso que fiz meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso. Não me recordo muito o título, mas me recordo que estava relacionado com a formação do pensamento, considerando as pesquisas de Vygotsky, Wallon e Piaget. A pós-graduação era presencial e em um município a 150 quilômetros de Caratinga. Foi desafiadora a distância, sobretudo em função do transporte e da minha condição de gestante. Neste mesmo ano, nasceu meu primogênito, logo após a conclusão da pós-graduação.

Em 2004, exonerei o meu cargo de professora no município de Piedade de Caratinga para tentar uma vaga de Especialista de Educação Básica (EEB⁵) na rede estadual de Minas Gerais, neste mesmo município. E, fui mãe, pela segunda vez.

Depois do nascimento do bebê, foi um tempo muito difícil, com muitas dificuldades financeiras.

A exoneração foi um risco muito grande, mas eu queria, realmente, fazer o que eu faço hoje. Eu acreditava que o chão da escola seria o meu lugar; e não me arrependo, até hoje, da escolha realizada, pois sinto segurança, determinação e, fundamentalmente, alegria quando estou na escola e realizo determinadas propostas.

O percurso na educação, do ponto de vista do trabalho, apresentou muitos “altos e baixos”. Em 2009, eu já não acreditava muito na educação. Não via muita perspectiva financeira. Eu trabalhava muito e estava sempre fazendo cursos, mas eu não estava vendo retorno em relação a isto. Então, eu comecei a fazer concursos para outras áreas. Eu viajei para outros estados e fiz concursos diversos. Às vezes, penso que aquele momento foi de frustração com tudo: políticas públicas, gestão escolar, articulação em minha família, projetos sendo adiados... Enfim, parecia que a educação não estava me ajudando em nada. Eu discordava de tudo, de todos, não achava útil o desenvolvimento de determinadas propostas. Minha insatisfação, neste período, era visível.

Em 2012 começamos a perceber uma movimentação municipal em virtude da movimentação nacional relacionada ao piso salarial. O Estatuto do Magistério do município de Caratinga começou a ser revisto, por meio de uma comissão muito atuante. O Conselho do

⁵ EEB – Especialista de Educação Básica: o EEB é o responsável por coordenar as práticas pedagógicas nas escolas públicas de Minas Gerais.

Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) veio se fortalecendo, pela política pública em educação na esfera federal, por meio Lei nº11.738, de 16/07/2008 (Piso Salarial Profissional Nacional) instituindo nosso Plano de Cargos e Salários.

O meu salário na Prefeitura de Caratinga duplicou. A categoria percebeu que a comissão se organizava, mostrando outras possibilidades. Este momento foi marcante, pois começou a acender em mim uma nova esperança de valorização salarial na rede municipal.

Deixei de fazer concursos na rede estadual e quando percebi que a educação é minha, e eu sou dela, me dediquei ao concurso da SEE/MG de 2018, sendo classificada em 1º lugar em minha regional, e nomeada como Especialista da Educação Básica no início de 2019 em uma escola situada em um distrito que fica a 7 quilômetros de meu bairro.

No mesmo ano, fui tomada emprestada para uma escola central, que passava por um processo de intervenção, na função de vice-direção. A expressão emprestada aqui, indica que fui movimentada provisoriamente de uma escola a outra, para contribuir na gestão, sem tornar-me efetiva nesta. Uma experiência completamente diferente. Fiquei lá por 3 meses e veio o processo de indicação ao cargo de diretor e função de vice-diretor. Como eu não preenchia os requisitos, retornei para a escola e fiquei lá por mais duas semana, pois meu pedido de remoção para a escola onde sempre trabalhei, Escola Estadual “Frei Carlos” em Piedade de Caratinga), na função de EEB, foi autorizado.

Então retornei para esta instituição, (a mesma escola em que fui designada, desde que exonerei meu cargo de professora), permanecendo nela até os dias atuais. Nesta escola, já trabalhei desde o 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Primeiramente, comecei com os anos iniciais do ensino fundamental e permaneci nesta etapa até a municipalização total dos anos iniciais. Inicialmente algumas turmas foram destinadas à Prefeitura, e posteriormente, deixou-se de ter o 1º ano, no ano seguinte o 2º ano e foi assim até terminar o 5º ano. Depois atuei nos anos finais do ensino fundamental, e na sequência, no ensino médio, *alternando entre todos os turnos*. Nesta trajetória, participei de todos os programas disponibilizados para a escola: Programa de Aceleração da Aprendizagem, Acertando o passo, Telessala... Atualmente atuo somente no ensino médio, no turno noturno. Identifico-me muito com esta faixa etária dos alunos e consigo bons resultados na interação com eles, realizando interlocuções com eles e os professores.

A construção de minha identidade profissional se fortaleceu com o apoio de vários elementos e eles estão em constante movimento na busca de qualificação profissional. Na maior parte de minha trajetória educacional, sempre percebi a educação com um olhar de

pertencimento. Meu jeito de ser encontrou no contexto escolar, o espaço para se desenvolver, ser acolhido e fazer a diferença.

A participação constante em eventos (cursos, oficinas, seminários, dentre outros) proporcionou-me qualificação técnica para potencializar o meu agir. O acreditar em meu potencial, somou-se com a responsabilidade e a ética na realização de minhas atribuições. Estes elementos, conversaram e conversam entre si, e estão sempre buscando evolução de maneira mais prática. Isto vai ao encontro das reflexões de Perrenoud (2002) quando ao discorrer sobre a prática reflexiva no ofício do professor, afirma que

[...] a formação deve desenvolver as capacidades de auto-socioconstrução do habitus, dos *savoir-faire*, das representações e dos saberes profissionais. Trata-se de uma relação com sua prática e consigo mesmo, uma postura de auto-observação, autoanálise, questionamento e experimentação. Esta é uma relação reflexiva a respeito do que fazemos (Perrenoud, 2002, p. 44 e 45).

Nestes últimos anos de valorização salarial, também acreditei que poderia fazer o Mestrado. Cheguei a avaliar possibilidades de realizá-lo na Argentina, e o fato de ainda não ser nomeada na rede estadual, parecia ser um empecilho.

Após minha nomeação, pesquisei possibilidades junto à Fundação Universitária Iberoamericana e diante da política federal de desvalorização, fiquei receosa de não conseguir validar o certificado em território nacional. Seria um grande risco, especialmente financeiro.

Entre 2018 e 2019 fiz três pós-graduações, sendo a mais relevante, a de Práticas de Letramento e Alfabetização, pela Universidade Federal de São João Del Rei. Quando planejei esta pós, meu intuito era me engajar de alguma maneira na própria universidade, o que poderia ligar-me ao Mestrado.

Então quando eu recebi o edital do Programa Trilhas de Futuro, toda energia, toda vontade, toda expectativa, despertou dentro de mim, a coragem para tentar. E foi num período muito complicado em relação ao tempo, mas foquei no que eu desejaria escrever, separei materiais que eu tenho em casa e me organizei para escrever a proposta da pesquisa. Diante do momento profissional que eu estava vivenciando àquela época, senti muita necessidade de compreender sobre os desafios e as possibilidades da gestão da sala de aula frente ao retorno das atividades presenciais após a pandemia por Covid-19. Por mais que se dispusesse de orientações, aquele momento foi muito marcado por desafios, e a pesquisa científica, a meu ver, é o melhor direcionamento para se pensar na sociedade e na articulação dos saberes, interesses e vivências desta sociedade.

Quando li os critérios de currículo, fiquei maravilhada porque sabia que eu preenchia muitos deles. Organizei toda a documentação e o processo. A expectativa foi enorme e a confiança também.

Quando recebi a mensagem de aprovação, a emoção tomou conta de mim e de muitas pessoas que me amam, principalmente de minha mãe e irmãs.

Iniciei o ano organizando minha agenda financeira e diante da aprovação, mesmo não tendo certeza sobre ajuda de custos com transportes e estadia, percebi que o sonho seria possível e parti rumo à Uberlândia - MG. Na bagagem levei o que eu precisaria no primeiro momento, assim como levei também entusiasmo, alegria, minha história, minhas experiências e sobretudo a coragem para contribuir e aprender de tal maneira que eu realmente perceba esta oportunidade com seus reais significados.

Por meio de minha proposta de pesquisa, fundamental na minha aprovação no processo seletivo do Mestrado, que conversa sobre a gestão da sala de aula no período transpandêmico, venho encontrando outras respostas para perguntas que carrego em minha trajetória. Visualizei e ainda visualizo muitos desafios na educação e entendo que alguns possam ser superados a partir do entendimento sobre os contextos, sujeitos, tempos, espaços e recursos. Se antes da pandemia, a educação como um direito, já se apresentou como utopia, em função de ideologias que regulam as políticas públicas educacionais; após a pandemia, ela precisa ser retomada como condição de inclusão e direito à vida, em seu sentido mais amplo.

Esta travessia tem provocado muitas descobertas e com elas, mais inquietações. Aprendi a ler algumas palavras. E esta leitura está vinculada também com enxergar seus sentidos. Aprendi que algumas palavras são usadas licenciosamente para a manutenção da alienação, e que é preciso investimento em educação, para além do que as redes de ensino promovem, pois é notório que ideias contraditórias se instalam nos ambientes profissionais, confundindo a “tripulação”, e por conseguinte, os “navegantes”, promovendo a sensação de que desfrutamos de uma viagem segura, porque estamos em uma democracia.

Feliz estou, porque a “navegação”, embora com “turbulências”, apurou minha visão.

Encerro meu recorte histórico com um trecho da música *Como uma onda*, de Lulu Santos (Santos, 1983).

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas,
como um mar
Num indo e vindo infinito.
Tudo que se vê não é

Igual ao que a gente viu há um segundo
tudo muda o tempo todo no mundo.

Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar (Santos, 1983)

Já não sou mais a mesma...